



Del 1 al 21 de Marzo de 2015

**CONFUCIONISMO E CRISTIANISMO EM QUFU:
EMBATE OU DIVERSIDADE CULTURAL?**

André Bueno

Pós-Doutor em História pela UNIRIO

Prof. Adjunto de História na UNESPAR, Brasil

Mail: orientalismo@gmail.com

Curriculum:

Tem experiência na área de História e Filosofia, com ênfase em Sinologia, atuando principalmente nos seguintes temas: China, pensamento chinês, cultura chinesa, diálogo intercultural. Publica livros e artigos há mais de dez anos no âmbito da Sinologia, atuando na divulgação da área no Brasil. Mantém o Projeto Orientalismo, que pode ser visto em <http://www.fafiuv.br/orientalismo.php>.

Resumo:

Nesse breve artigo, buscaremos analisar a questão da construção de uma igreja cristã em 2010 na cidade de Qufu, historicamente ligada ao confucionismo. As implicações da tentativa de construção dessa igreja nos revelam as facetas de um novo e possível conflito entre o Cristianismo e o Confucionismo na China, colocando em questão o desafio chinês: será essa sociedade capaz de promover o diálogo e a diversidade cultural, no futuro próximo?

Palavras Chave: Sinologia, Confucionismo, Cristianismo, Qufu, Religiões na China

A questão é do fim de 2010, mas continua se arrastando na China: deve-se construir uma igreja cristã perto do templo de Confúcio, em Qufu?¹ Mesmo não sendo novo, o problema tem o espaço de quatro anos, o que nos permite algumas reflexões sobre ele.

O ‘templo de Confúcio’ é, na verdade, um complexo de casas e salões que foram sendo construídos pelos seus descendentes, ao longo de milênios, em torno da tumba do sábio Confúcio (551-479), localizada na sua terra natal, Qufu, antigo estado de Lu, hoje situada na província de Shandong. A cidade não chega a cem mil habitantes, e sua principal atração turística é, justamente, o complexo confucionista. Curiosamente, no entanto, ela ganhou um ar de diversidade cultural ao longo da história, que se manifesta na existência de pequenos santuários daoístas, um templo budista (que têm fiéis, mas não tinha um monge responsável até 2011), um bairro islâmico e ainda, uma crescente comunidade cristã. Em setembro de 2010, a cidade ainda abrigou o seu primeiro Fórum mundial de diversidade e diálogo cultural, um evento internacional² que contou com renomados especialistas de vários países; a escolha fazia parte da estratégia do governo chinês em restaurar o papel do confucionismo como sua principal linha intelectual e ética para a modernidade, após as pesadas décadas de perseguição feitas pelo maoísmo.

No entanto, no final do mesmo ano, o governo chinês anunciou, em conjunto com a comunidade cristã local (Protestante), a construção de uma catedral de proporções monumentais perto do complexo confucionista. A catedral não apenas seria próxima do complexo como ainda, superaria em muito a altura dos templos confucionistas, sendo visível à distância e encobrendo o mesmo. A notícia despertou reações intensas da comunidade chinesa, e um manifesto assinado por dez intelectuais pós-confucionistas (ou ‘Novos confucionistas’) causou grande comoção, travancando o processo de construção da catedral.³

O que se coloca em questão é o seguinte: é legítimo construir um grande monumento religioso perto de um patrimônio da humanidade? Façamos uma analogia: o que o leitor acharia, por exemplo, de colocar uma cruz ou um crescente perto das pirâmides do Egito? Mesmo não sendo budistas, muitos intelectuais ao redor do mundo sentiram profundamente a explosão dos Budas de Bamyian, no Afeganistão, consideradas um patrimônio da humanidade. Do mesmo modo, os intelectuais chineses propuseram, em sua carta, a seguinte analogia: qual seria a reação de se construir um mega templo confucionista em Jerusalém, Meca ou no Vaticano? Embora esse raciocínio pareça simples, e por si só já pareça responder a questão, a visão ocidentalista cristã das coisas inverte radicalmente o propósito da discussão:

Como todos sabemos, Confúcio é um símbolo da cultura chinesa, assim como Qufu é a terra santa do para a civilização confucionista; ‘San Kong’, que em cinco mil anos de civilização chinesa é um símbolo de sua tradição, tornou-se a tábua de salvação de milhares de casas e descendentes emocionais, espirituais e mentais do Confucionismo. [...] Hoje, sem dúvida, a construção de uma catedral cristã nas terras do complexo ‘San Kong’ é sem dúvida ofensiva a esse centro da cultura chinesa, ferindo os sentimentos daqueles que cultivam a cultura confucionista, contrariando os desejos do povo chinês no país e no exterior, afetando a ‘Cidade-símbolo da Cultura Chinesa’ e o ‘lar espiritual da nação chinesa’. Na história de Qufu, não existiram centros daoístas, e os poucos templos budistas estão longe da cidade, ou seu tamanho é pequeno. Quanto as outras religiões estrangeiras, nunca construíram qualquer templo em Qufu. A razão está nessas religiões e seus crentes respeitarem esse lugar santo, não se apressando em construir seus templos em Qufu.[...] Deve-se ter cuidado: Jerusalém, Meca ou o Vaticano, se a construção de um grande templo encobrisse a sua arquitetura religiosa, independente das características artísticas e urbanas próprias, como os crentes religiosos se sentiriam sobre isso? Seus países, seus governos, seu povo aceitará?⁴

Tentei acompanhar o desenrolar da questão, e achei algumas poucas páginas que, informadas sobre a China, abordavam o problema. Não sem surpresa, a iniciativa do governo chinês foi saudada (pelos cristãos) como um indício de liberdade religiosa, enquanto o manifesto confucionista foi tratado como algo um texto ‘nacionalista’ e ‘anticristão’. Quem ler o manifesto verá que, em momento algum, os confucionistas pregam o anticristianismo: de fato, o que se propõe é a preservação de um patrimônio da humanidade, como vimos. O próprio documento indica cinco orientações para a construção da igreja, caso isso fosse inevitável:

- a) A igreja não deve situar-se no espaço do complexo ‘San Kong’ [Complexo dos templos Confucionistas], e estar distante, ao menos, vinte e cinco quilômetros de distancia do mesmo.
- b) A igreja não deve ter altura superior a do templo de Confúcio; a construção com quarenta metros de altura tornaria a cidade um marco cristão, e não confucionista.
- c) A igreja não deve ter capacidade para três mil pessoas; mesmo que a escala do projeto seja coincidência, ela se permite comparação com o numero de discípulos de Confúcio, o que parece uma provocação ou mesmo, um insulto.

- d) Se ela se tornar a maior igreja da China, ela mudará o caráter da cidade de Qufu como centro cristão, criando um confronto religioso. Deve, portanto, restringir suas proporções e dimensões.
- e) O estilo da igreja deve ser chinês, ou moderno, mas não gótico, pois destoaria por completo dos estilos tradicionais presentes na cidade de Qufu.⁵

Com a construção da catedral sendo sugerida a uma distância mais afastada do complexo, e com a diminuição de suas proporções, consideradas colossais para uma comunidade cristã que mal poderia ocupar o projeto da igreja com 3000 lugares (e note-se: esse seria o mesmo número de discípulos que Confúcio teve, o que foi entendido como uma provocação de mau gosto), os signatários aceitavam a construção da igreja, mesmo pesando o profundo impacto que isso teria em sua cultura. O plano da catedral pressupunha, ainda, um espaço para o diálogo entre confucionismo e as civilizações mundiais, ideia bem vista pelos mesmos autores.

Contudo, a reação ‘cristã’ foi curiosa: nos blogs e jornais que consultei, a notícia foi saudada como a primeira boa iniciativa do estado chinês – o que é curioso, já que o governo da China tem sido sempre considerado como um vilão em questões religiosas e humanistas.⁶ Ou seja, quando o governo chinês impõe algo que interessa ao Ocidente, então está tudo bem? Essa relação conturbada com o estado chinês foi bem notada por um dos signatários da carta, o intelectual Jiang Qing, que apontou a ambiguidade e a conveniência dessa relação entre o estado chinês e as comunidades cristãs envolvidas no processo:

Minha primeira reação foi: construir uma catedral gótica de 41,7 metros tão perto de ‘do Santuário Confucionista de San Kong em Qufu é algo absolutamente inadequado. Eu não sou contra o direito dos cristãos em construir igrejas, respeito a fé dos seguidores de Jesus, e acredito que elas devem ter liberdade de ação; de fato, as igrejas cristãs na China tem certa liberdade de ação, como em Shenzhen, onde atualmente existem vinte e seis igrejas cristãs. Desde a abertura e das reformas iniciadas há trinta anos, abre-se em média uma igreja por ano! No entanto, Qufu é em particular um santuário confucionista, onde reside o túmulo de Confúcio. Uma catedral gótica tão grande, tão próxima do templo, com esse perfil e escala monumental, com todas as características da civilização ocidental e com um simbolismo religioso marcante, dá a impressão de uma grande ofensa contra o Confucionismo e os santuários do sábio Confúcio, e é extremamente desrespeitosa com a Cultura Chinesa e a Civilização Confucionista. É uma tentativa arrogante e dominadora de fé, sobre nossa desatenção cultural. Estive com as autoridades competentes do governo local para participar e

dar visibilidade a esse evento, e a falta de planejamento, bem como de uma consciência básica sobre o patrimônio cultural, me fizeram sentir extremamente decepcionado. Então, eu acredito que se essa catedral cristã for construída em Qufu, Qufu perderá seu caráter de terra santa para a civilização confucionista, e não será mais um símbolo para a cultura chinesa. Após a Revolução Cultural [1966-73], Qufu sofre novamente com mais uma vez com a devastação [...]⁷

Para complicar um pouco mais as coisas, um dos descendentes de Confúcio da 77ª geração, Kong Weizhong, virou pastor, e é candidato a assumir a catedral, o que por alguns foi considerado um ‘sinal’. É interessante o raciocínio cristão de impor sua fé: se apoiada pelo estado, ela está correta; e quando a coisa não dá certo, melhor ainda, pois aí surgem os mártires.⁸

Por outro lado, causou-me certa surpresa que esses mesmos intelectuais confucionistas assumam, diante de sua própria sociedade, que o confucionismo possa ser uma religião – coisa que causaria ojeriza em Confúcio. O confucionismo sempre foi marcado por uma abertura religiosa positiva, que permitia a crença em qualquer sistema religioso contanto que se mantivesse a prática de sua ética e a dedicação (ou culto) aos ancestrais. Durante séculos budismo, daoísmo e confucionismo foram classificados pelo império chinês como o *Sanjiao* (os ‘três ensinamentos’), que não poderiam ser considerados por nós como religiões, mas numa visão chinesa, como as ‘três filosofias’. O próprio nome dos templos confucionistas, *wenbao* (que significa algo como ‘casa ou templo da cultura’) denota que o lugar não era próprio pra rezas, mas para estudos. Que ‘religião confucionista’ seria essa, então? Pois a dos antigos cultos imperiais, com certeza, não é; e se a moral confucionista é distinta da do comunismo, não é, porém, menos materialista. No entanto, Jiang Qing é um dos defensores da visão de um ‘Confucionismo religioso’, como podemos ver aqui:

Sim, eu entendo que o problema é muito sério. Por exemplo: um noticiário em Qufu saudou a construção da igreja cristã e da chegada do cristianismo; mas estar no Grande Salão do Templo de Confúcio, olhar pra cima e ver uma igreja cristã, isso é certamente inaceitável! [...] Eu tento entender a Doutrina cristã com compaixão, respeito-a, aprecio-a e busco aprender alguns de seus conceitos para ampliar a argumentação confucionista. O Cristianismo, assim como o Confucionismo, são grandes civilizações. Eu entendo o movimento do Cristianismo, a devoção aos santos cristãos, as realizações da caridade, e o papel positivo do Cristianismo para a história da civilização humana. Com efeito, o Cristianismo é uma civilização com uma longa trajetória, há muitas coisas positivas para aprendermos, e por isso, não devemos ter qualquer tipo de atitude xenófoba em nossa cultura quanto a

religiosidade, devemos ter uma atitude inclusiva de respeito e apreço. O Cristianismo contemporâneo, em especial na igreja Católica, tem muitas coisas em comum com o Confucionismo, havendo profundas possibilidades para uma moderna reflexão crítica; por isso, de certa forma, as duas civilizações podem aprender uma com a outra. Todavia, a construção de uma catedral cristã em Qufu, especificamente, eu acho que os cristãos não foram bem sucedidos, e isso constituiria uma simples falta de respeito com o Confucionismo. Se a igreja fosse construída em Shenzhen, ou construída em qualquer outra cidade da China, com cem metros de altura, capaz de acomodar dezenas de milhares de pessoas, nós só poderíamos admirá-la, e mesmo nos envergonhar, de não termos essa mesma capacidade para o Confucionismo, construindo um lugar tão alto e grande para uma grande pregação. Mas a igreja em Qufu destruiria mais de dois mil anos de história chinesa dos santuários confucionistas, modificando a natureza de Qufu, e isso não posso aceitar, nem deixar de expressar um ponto de vista oposto.⁹

A história do cristianismo também foi sazonal na China: desde o século VI, a comunidade cristã cresceu e diminuiu no país – e sua sobrevivência está diretamente ligada ao quanto ela se intrometia (ou não) nas políticas de estado. Nesse momento, ela cresce; mas continuará a fazê-lo, se continuar insistindo em questões como controle de natalidade, o pecado na sexualidade, e que o Estado deve se submeter a Deus?

Ao refletir sobre o assunto, percebi que somos levados a uma tensão inevitável entre dois paradigmas essencialmente ocidentais: preservar um patrimônio histórico ou favorecer um esforço pela liberdade religiosa? Mas nada é tão simples: do mesmo modo como não existem monumentos intocados, a imposição de uma fé não é caminho para a liberdade, mas afirmação de um dogmatismo. Se tomarmos como base a política da UNESCO para preservação de patrimônios históricos, a construção da catedral é um erro, independente do problema religioso. Podemos imaginar, ainda, se a proposta do governo chinês não é uma estratégia para jogar confucionistas contra cristãos: mas em qualquer caso, o Estado jogou errado - pois, se der razão aos cristãos protestantes, vai ofender uma herança cultural, e se der razão aos confucionistas, será taxado novamente de autoritário. Mesmo a solução mediana seria fazer o que o manifesto confucionista pede – respeitar distância e dimensões para a construção da catedral -, mas isso poderia ser entendido como um respeito ao apelo dos intelectuais, o que se não for bem aproveitado pela propaganda do Estado, pode se reverter como um indício de ‘fraqueza’ ou de ‘autoritarismo’ do mesmo – e acaba sendo redundante. Isso nos leva a pensar se o próprio Estado acabou não sendo inábil com a questão, e se jogou numa berlinda desnecessária.

Particularmente, sou contra a construção da catedral tão próximo desse

patrimônio, como já fui contra a destruição e/ou alteração de outros bens históricos que vi se transformarem em obras hediondas e descaracterizadas. Preocupa-me, contudo, que o evento esteja sendo conduzido para um ‘conflito de civilizações’ ou de religiões, como os próprios autores confucionistas deixaram escapar, aceitando entrar num campo de embate com as instâncias religiosas cristãs que poderia simplesmente não existir. Novamente, Jiang Qing, em sintonia com essa ideia de conflito ‘China x Ocidentalismos’, escreveu:

‘A China precisa ter uma atitude mais aberta para entender as outras civilizações’; aparentemente, essa frase parece muito moderna, mas ela não contém a premissa básica de que a civilização chinesa deve existir numa posição dominante, ou como Zhang Xianglong disse: a civilização confucionista deve existir de forma viva, para que possamos entender ao problema das outras civilizações. A situação da civilização chinesa é a seguinte: cem anos depois do ‘Movimento radical contra as tradições’ danificar seriamente a ecologia cultural da civilização chinesa, agora, novamente, ela está à beira da destruição. Cem anos atrás, os altos ideais da invasão militar, política e cultural, feita pelas potências ocidentais na China, propunha-se a ‘defender o país, a ensiná-lo a conservar a sociedade, a garantir a segurança do Estado’, de modo que A China tornou-se um ‘país sem nenhuma religião’. Para a China, o ‘ensino’ de uma Cultura Confucionista é a essência da Civilização Confucionista, que é a Civilização Chinesa. Portanto, a missão de nossa Cultura, hoje, não é capitular diante da moda do ‘diálogo das civilizações’, porque se a Civilização Chinesa não existir, como ela poderá dialogar? A primeira missão de nossa Cultura, hoje, é manter o caráter próprio da Civilização Chinesa, na Era da Globalização, sem perder sua natureza, que foi por séculos a Cultura Confucionista, cujas raízes espirituais hoje a reconstroem a e a mantêm viva.¹⁰

A questão é que Jiang Qing não reproduz apenas um forma de pensar chinesa: sua grande fonte para compreender o pensamento ocidental, como ele mesmo afirma, é o livro de Samuel Huntignton *O Choque das Civilizações* [1998], que propõem um inevitável conflito entre as civilizações no futuro, tendo como plano de fundo as concepções religiosas que norteiam suas culturas.

Num contexto em que tanto se clama pela diversidade, pois, o respeito à diferença é a porta da inclusão. Contudo, visões estreitas da realidade incitam radicalismos que tudo atrapalham, e pouco contribuem para a melhor convivência do mundo, só atendendo a desígnios obscuros da política. Após décadas de imposições imperialistas da cultura ocidental na Ásia, intelectuais chineses respondem ao problema

usando argumentos similares ao do colonizador. Qual será, pois, o destino dessa questão?

No panorama político e intelectual da China atual, em que se desenha a retomada do Novo Confucionismo no âmbito político, a questão de Qufu manifesta alguns dos problemas que a própria sociedade chinesa terá que enfrentar, diante dos movimentos globalizantes. Não é mais possível ignorar o trânsito cultural no mundo: no entanto, o desejo de uma cultura de que o diálogo seja promovido em condições de igualdade, e não de inferioridade ou submissão, é absolutamente legítimo- e nisso os chineses estão certos. Assim, pois, há que se pensar o futuro desse Confucionismo – religioso ou não – não apenas para a civilização chinesa, mas para todo e qualquer um que deseje praticar a sinologia, e compreender os destinos da China.

Sugestões bibliográficas

Para o debate China e Cristianismo, ler:

BOFF, Leonardo [org.] *China e o Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, Leonardo [org.] *China – harmonia dos contrários*. Petrópolis: Vozes, 1982.

Para a questão do ‘Novo Confucionismo’, ler:

BELL, Daniel A. *China's new Confucianism: politics and everyday life in a changing society*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2008.

BELL, D. ‘Jiang Qing’s Political Confucianism’ in RUIPING, Fan. (org.) *The Renaissance of Confucianism in Contemporary China*. New York: Springer, 2011.

BUENO, André. ‘Compreendendo o “Novo Confucionismo”’: a possível transição do marxismo para o confucionismo na China Contemporânea’ in *Revista Mundo Antigo*. Ano I, Volume I, Junho de 2012.

Outros:

HUNTINGTON, Samuel. *O Choque das civilizações*. Rio de Janeiro: Objetiva/Bibliex, 1998.

¹ No final de 2011, Beijing determinou a suspensão da autorização para as obras. Desde então, o projeto foi praticamente abandonado.

² <http://french.peopledaily.com.cn/Culture/7154377.html>

³ Para ver as notícias, pode-se consultar os seguintes links:

-
1. <http://www.telegraph.co.uk/news/religion/8228243/Chinese-church-plan-at-birthplace-Confucius-sparks-protests.html>
 2. http://news.xinhuanet.com/english2010/culture/2010-12/13/c_13647247.htm
 3. <http://www.globaltimes.cn/special/2011-01/613615.html>

O Manifesto contra a construção da Igreja em Qufu [尊重中华文化圣地, 停建曲阜耶教教堂——关于曲阜建造耶教大教堂的意见书] pode ser visto em:

<http://www.kong.org.cn/bbs2/a/a.asp?b=2&id=85852>

⁴ Manifesto contra a construção da Igreja em Qufu, disponível em:

<http://www.kong.org.cn/bbs2/a/a.asp?b=2&id=85852>

⁵ Ibidem; o texto foi adaptado e resumido pelo autor.

⁶ Um exemplo desses blogs, que sistematicamente critica o governo chinês em questões religiosas, pode ser visto aqui:

<http://blog.comshalom.org/carmadelio/?s=china>

A notícia sobre a liberdade religiosa em Qufu, de 2010:

<http://blog.comshalom.org/carmadelio/6418-chinaotrora-ateia-abre-se-a-religiao>

⁷ 虚心的人与使人和睦的人有福了——

蒋庆先生就曲阜耶教堂事件与儒教重建问题答北京诸道友问

Disponível em: <http://www.confucius2000.com/admin/list.asp?id=4768>

⁸ O mesmo citado no blog cristão anterior, conferir nota 6.

⁹ Ibidem, nota 7.

¹⁰ ibidem